



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulher e Relações de Gênero

## **TECNOLOGIA DE/PARA GÊNERO: DOS APLICATIVOS À ESTRUTURA SOCIAL NO EMPODERAMENTO DE MULHERES – ASSIMETRIAS E REFLEXÕES**

Autor (1) Regis Glauciane S. de Souza; Co-autor (1) Eliseu Riscarolli

*Programa de Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismos (PPG-NEIM) Universidade Federal da Bahia (UFBA) – [regisglaucianesouza@gmail.com](mailto:regisglaucianesouza@gmail.com)*

*Universidade Federal do Tocantins (UFT) - [eriscarolli@mail.uft.edu.br](mailto:eriscarolli@mail.uft.edu.br)*

**Resumo:** Desde o século XVIII a tecnologia vem se fazendo presente no mundo do trabalho. Em suas diferentes fases – passagem do artesanal para o industrial na Inglaterra representada pela indústria com base no carvão e na locomotiva; na fase dois – com a indústria automotiva americana e organização do fordismo que facilitou a produção em série; ou a fase três com uso da energia nuclear a partir da Segunda Guerra Mundial e a criação da informática. De tal modo que o uso da tecnologia torna-se cada vez mais comum para impulsionar iniciativas de negócios, comunicação, relacionamentos, ONG's, solidariedade, etc. Os aplicativos móveis estão nesta esteira, atalhos em redes sociais ou startups com páginas específicas tem se constituído em ferramentas que movimentam e fomentam ações ao redor do mundo. Neste caso específico a ação não é diretamente relacionada com o processo formativo escolar, no formato padrão convencional. Há muitas aprendizagens que se efetivam fora da escola. Esta é uma reflexão cuja proposta de trabalho é mapear aplicativos e startups que ofereçam suporte para promover o empoderamento de gênero na defesa ou promoção de direitos humanos, na criação de perspectiva de gestão, gerenciamento, organização do trabalho para grupos de mulheres, meninas, crianças que seguidamente tem sido vítimas de violência em suas múltiplas e variadas formas. Assim, propomos um diálogo que realce como as discussões de gênero e empoderamento das mulheres tem sido tratada no contexto da ciência e tecnologia para uma ruptura androcêntrica e do direito positivo.

**Palavras chave:** tecnologia, educação, gênero, empoderamento.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

### **Do controle patriarcal ao empoderamento de mulheres: quando a tecnologia se faz aliada – uma introdução ao estudo**

Mulheres com mais autonomia, que se convertem a um tempo de rebelião, rebeldia e subversão contra a supremacia masculina, contra o patriarcado, que buscam protagonizar uma nova história das mulheres nos espaços públicos e privados, vêm se alertando para o lugar da tecnologia em nossa cultura, na vida das mulheres e os novos rumos da ciência.

Uma prova eloquente dessa afirmação aconteceu durante um trabalho formativo para o Serviço Federal de Processamento de Dados (SERPRO) em 2018, quando falávamos sobre “Emancipação Feminina Pela Educação”. No momento fomos desafiadas/os por uma participante da empresa a falar ou apresentar noutro momento, perspectivas e possibilidades da tecnologia contribuir com o empoderamento das mulheres trabalhadoras, referindo-se àquelas que desenvolvem atividades/trabalhos fora de casa também. Como participantes, no momento a ideia foi o “Ligue 180<sup>1</sup>” – disque-denúncia que foi criado pela Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM-

---

<sup>1</sup> Ele é a porta principal de acesso aos serviços que integram a [rede nacional de enfrentamento à violência contra a mulher](#), sob amparo da [Lei Maria da Penha](#), e base de dados privilegiada para a formulação das políticas do governo federal nessa área. Fonte <http://www.spm.gov.br/ligue-180>, acesso em 14 de setembro de 2018.

PR) em 2005, para servir de canal direto de orientação sobre direitos e serviços públicos para a população feminina em todo o país. Esta manifestação se colocou como contrária a uma citação que versava sobre as supostas “tecnologias” de aplicativos que mães poderão usar em celulares para acompanhar os/as filhos/as enquanto trabalham fora de casa. Ora, se a proposta é discutir empoderamento de mulheres, que sentido faz aplicativos e serviços tecnológicos que conservam tradicionais representações femininas e continuam a explorar enquanto mulheres/mães? A mentalidade e criação de recursos tecnológicos, nesse sentido, enclausuram as mulheres, as sobrecarregam, é intencionalmente proposital e arraigada numa proposta de matriz essencialista, machista, reafirmando representações e estereótipos de gênero que menosprezam as mulheres, as colocando como próprias do espaço privado e únicas responsáveis pelo acompanhamento de filhas/os.

A cultura tende a reforçar com várias e novas roupagens a exploração das mulheres no formato das “multifuncionais”, “de múltiplas tarefas” – aquelas que dão assistências a casa/família/filhos/as menores, sem se desligarem dos trabalhos domésticos, de funções que reforçam a cultura patriarcal numa nova dinâmica – o desenvolvimento de tarefas fora de casa, desde que não se



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas

desliguem da casa. Uma representação machista, escravocrata que conservam antigos domínios masculinos sobre as mulheres, determinando os lugares de atuação social delas, controlando suas ações e espaços, até onde podem ir e como ir. Ao contrário dessa ideologia machista, o trabalho fora de casa deve contribuir para a libertação das mulheres, para seu empoderamento e autonomia, para melhoria da sua qualidade de vida delas e que a exploração seja abolida.

Por falar em controle e domínio masculino sobre as mulheres, existem vários ganchos que as cercam e as arrastam por meio de recursos tecnológicos para um mundo simbólico de abusos e violências. Ainda nesse ano de 2018, especificamente no segundo domingo de maio – no dia em que culturalmente comemoramos o dia das mães, mulheres/mães/casadas ou em comunhão estável, receberam de presente de seus maridos um *Apple Watch* – celular de pulso que funciona também como relógio, com formato próprio e de valor expressivo. Observadas tamanha felicidade por parte daquelas mulheres presenteadas, incômodos de analistas culturais surgem, nesse caso, os nossos, quando ouvimos por parte de uma delas que o marido fez questão de presentear-la para que esteja sempre disponível para atender as suas ligações, evitando celulares na bolsa ou “desculpas” para não atender as suas

chamadas, sobretudo, acompanhadas suas movimentações, “se fazer presente”.

Esse cenário de fato causa desconforto, o relógio/celular é o próprio enclausuramento, “cabresto”, uma espécie de tornozeleira eletrônica. A alegria por receber o presente, acompanhada de uma visão turva da prepotência a qual está exposta, não as permitem perceber a tamanha violência que está por trás das gentilezas, carinho e atenção masculinas. A ação se caracteriza como um abuso qualificado, pois controla as emoções das mulheres, domina atitudes, força um cumprimento recíproco de atenção e tutela. A crítica aqui, não é para o objeto tecnológico – “celular/relógio”, que de fato é interessante, muito menos pela ação de presentear-lo e/ou ser presenteadas/o, mas, pelo contexto e configuração de como ele chega para algumas mulheres, se transformando em um objeto de controle e domínio de homens sobre elas.

Para Maria Helena Santana Cruz (2002, p. 128)

Segundo as teorias do patriarcado – que descrevem a dominação do homem sobre a mulher –, a tecnologia converte-se em um instrumento para manter as mulheres oprimidas na sociedade.

[...] A opressão também se explica nas perspectivas psicológica, ideológica e cultural, contribuindo para fortalecer a dinâmica emocional da



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Diversidade Sexual

personalidade, profundamente enraizada no subconsciente e no inconsciente.

[...] Sobre o controle masculino, a tecnologia produzida para ser usada pelas mulheres pode ser sumamente inapropriada para as suas necessidades, inclusive pernicioso e, pode ainda incorporar ideologias masculinas que determinam como devem elas viver. Assim, consumam-se, a alienação...

Com efeito, a crítica ao patriarcado é imperiosa no desvelamento de assimetrias de gênero quando tratamos também de tecnologias. A perspectiva de gênero como categoria de análise histórica (JOAN SCOTT, 1995) é preponderante, pois permite análise e compreensão das transformações da sociedade. Conforme Cruz (2002), a categoria gênero tem valor empírico pela sua utilidade para descrever as diferenças entre homens e mulheres e as relações que se estabelecem entre eles, mas também tem valor analítico, pois possibilita explicar os ordenamentos das sociedades e numa perspectiva política e social, possibilitam focalizar os temas da subjetividade, da identidade e dos processos de fragmentação de identidades (de gênero, classe, sexualidade, geração, etnia e nacionalidade).

Esse encontro metodológico, analítico e político da categoria gênero nos permite

ressaltar que embora as mulheres paulatinamente venham buscando acender em caminhos para o progresso feminino como ganhos socioeconômicos, elevações na educação, em carreiras profissionais e titulação, ainda há subjugação. Elas/nós precisam/os resistir às múltiplas explorações e opressão desse sistema perverso que ainda limita seu/nosso crescimento em todas as esferas da vida social e que as/nos exploram.

O empoderamento traz consigo a libertação, emancipação, acesso a educação e informações, acesso aos espaços de poder, o engajamento, a autonomia, o poder de decidir, de fazer escolhas e tomar atitudes, de crescimento socioeconômico. O consolo para amenizar um passado recente e ainda bastante vivo em muitas experiências de mulheres é traiçoeiro, é controlador, é dominador. Tecnologias para empoderamento de mulheres têm de assumir outra vertente – o da conscientização cultural de uma história patriarcal, que desprivilegia as mulheres, que as desvalorizam no conhecimento, nas atividades que realizam e na representação de gênero, menosprezando-as. O empoderamento de mulheres quando acontece, revela os produtos da cultura historicamente construídos e que precisam ser (re)construído por elas e com elas, numa tomada de consciência. Com forme Cecília



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas

Sardenberg (2006, p. 02), na perspectiva feminista,

Para nós, feministas, o empoderamento de mulheres, é o processo da conquista da autonomia, da auto-determinação. E trata-se, para nós, ao mesmo tempo, de um instrumento/meio e um fim em si próprio. O empoderamento das mulheres implica, para nós, na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal. Para as feministas latinoamericanas, em especial, o objetivo maior do empoderamento das mulheres é questionar, desestabilizar e, por fim, acabar com o a ordem patriarcal que sustenta a opressão de gênero. Isso não quer dizer que não queiramos também acabar com a pobreza, com as guerras, etc. Mas para nós o objetivo maior do “empoderamento” é destruir a ordem patriarcal vigente nas sociedades contemporâneas, além de assumirmos maior controle sobre “nossos corpos, nossas vidas”.

Ainda de acordo com Sardenberg (2006, p. 04) entre as convergências no pensamento feminista sobre empoderamento, temos:

Ninguém “empodera” outrem – isto é, trata-se de um ato auto-reflexivo de “empoderar-se”, ou seja, a si própria (pode-se, porém “facilitar” o desencadear desse processo, pode-se

criar as condições para tanto). Empoderamento tem a ver com a questão da construção da autonomia, da capacidade de tomar decisões de peso em relação às nossas.

Este é apenas o contexto de onde partimos para pensar tecnologias de/para gênero, tendo as experiências das mulheres como aportes para mudanças sociais e o protagonismo que daí surge para mudanças estruturais e culturais, por elas e a partir delas, ancoradas no feminismo político e atuante, que chega às instituições públicas e que mobiliza interligando demandas de movimentos sociais de mulheres, anunciando demandas, inserindo pautas que alertam quanto às desvantagens sociais de gênero que as mulheres ainda experienciam, tanto nos espaços públicos quanto nos privados.

O contexto se estende também à oportunidade de escrever para o tema “entre lugares<sup>2</sup>”, quando a categoria gênero toma lugar e surge como um conceito fundante para pensarmos “lugares subjetivos”, isto é, pensarmos lugares a partir de subjetividades e contribuirmos com a produção de conhecimento (ALISON JAGGAR E SUSAN BORDO, 1997). O “entre lugares” enquanto termo vingou como envergadura, elasticidade ou aderência para um trânsito propositivo de

---

<sup>2</sup> Proposta do GEOTEC/UNEB



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas

diálogo multifacetado. Calhou como o espaço concreto para nos situarmos enquanto lugar de fala (SANDRA HARDING, 1996; DONNA HARAWAY, 1995), ponto de vista interdisciplinar, de muitos e outros olhares. Esta possibilidade embasa uma objetividade forte, a partir de estudos científicos sem cientificismo, com ferramentas para uma análise cultural e social qualitativa sem rigor cartesiano e engajado na reflexão e transformação de processos criados, construídos.

Destarte, além das expostas possibilidade de análises e reflexão que desse estudo surgem, temos como empenho, ***mapear aplicativos e startups que ofereçam suporte para promover o empoderamento de gênero na defesa ou promoção de direitos humanos, na criação de perspectiva de gestão, gerenciamento, organização do trabalho para grupos de mulheres, meninas, crianças que seguidamente tem sido vítimas de violência em suas múltiplas e variadas formas.*** Assim, propomos um diálogo que realce ***como as discussões de gênero e empoderamento das mulheres têm sido tratada no contexto da ciência e tecnologia para uma ruptura androcêntrica e do direito positivo.*** Compreendendo tecnologia como termo que envolve o conhecimento interativo, acessível, técnico, científico e que cria ferramentas e processos a partir de

experiências que dão cabo a um processo de transformação social e cultural. Parafraseando Nelson Preto e Cláudio da Costa Pinto (2006), tecnologia como instrumento de inclusão social, como mecanismo de incorporação à cidadania, viabilizando criação e acesso a novas ferramentas que ampliam o potencial crítico da cidadã e do cidadão.

De tal modo que a discussão ampla do empoderamento de mulheres no diálogo com marcos da ciência e tecnologia, neste estudo, é central a categoria gênero como recorte fundante para análise social nos mais diversos temas como: mudanças e novas configurações no mundo do trabalho, autonomia, poder, educação como política e tantos outros que inspiram e abrem caminhos transversais para debates no que tange aos direitos humano, a vida digna, diversidade, inclusão, representação, igualdade nas diferenças, direitos igualitários, combate a violência contra as mulheres e orientações de gênero, entre outros, nos coloca frente à importância de perpetuarmos uma crítica à cultura androcêntrica que ainda tornam as mulheres refém de um sistema opressor e escravizante marcado por uma longa história de desigualdades e assimetrias nas relações entre homens e mulheres.

Com efeito, no tocante às políticas globais não poderíamos ficar alheias/os ao



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas da Cidadania

terceiro Objetivo do Desenvolvimento do Milênio, que versa sobre igualdade entre sexos e valorização da mulher.



Na esteira dessa organização, vale retomar o expresso 5º objetivo da Campanha da Organização das nações Unidas (ONU) – Objetivos do Desenvolvimento Sustentável - que trata especificamente da igualdade de gênero, cuja explicitação se concretiza nas seguintes metas:

5.1 acabar com todas as formas de discriminação contra todas as mulheres e meninas em toda parte.

5.2 eliminar todas as formas de violência contra todas as mulheres e meninas nas esferas públicas e privadas, incluindo o tráfico e exploração sexual e de outros tipos.

5.3 eliminar todas as práticas nocivas, como os casamentos prematuros, forçados e de crianças e mutilações genitais femininas.

5.4 reconhecer e valorizar o trabalho de assistência e doméstico não remunerado, por meio da disponibilização de serviços públicos, infraestrutura e políticas de proteção social, bem como a promoção da responsabilidade compartilhada dentro do lar e da família, conforme os contextos nacionais.

5.5 garantir a participação plena e efetiva das mulheres e a igualdade de oportunidades para a liderança em todos os níveis de tomada de decisão na vida política, econômica e pública.

5.6 assegurar o acesso universal à saúde sexual e reprodutiva e os direitos reprodutivos, como acordado em conformidade com o Programa de Ação da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento e com a Plataforma de Ação de Pequim e os documentos resultantes de suas conferências de revisão.

5.a empreender reformas para dar às mulheres direitos iguais aos recursos econômicos, bem como o acesso a propriedade e controle sobre a terra e outras formas de propriedade, serviços financeiros, herança e os recursos naturais, de acordo com as leis nacionais.

5.b aumentar o uso de tecnologias de base, em particular as tecnologias de informação e comunicação, para



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Políticas da Mulher

promover o empoderamento das mulheres as públicas e privadas, incluindo o tráfico e exploração sexual e de outros tipos.

5.c adotar e fortalecer políticas sólidas e legislação aplicável para a promoção da igualdade de gênero e o empoderamento de todas as mulheres e meninas, em todos os níveis. (Brasil. 2016).

Alcançar essas metas é um desafio e, para subverter uma ordem patriarcal estabelecida ao longo de séculos de colonização, é preciso se apropriar de outras ferramentas, entre elas as tecnológicas. Entre as opções estão aplicativos para facilitar gerenciamento de pequenos e médios negócios, hastag's de prevenção/denúncia de violência praticada contra mulheres, aplicativos para facilitar vendas, promoção, solidariedade e impulsão de atividades diversas.

### **Tecnologias que subvertem o sistema opressor e favorecem o empoderamento das mulheres - caminho metodológico, alguns resultados e discussões**

Nas últimas duas décadas tem crescido a produção de tecnologia para uso em favor das mulheres e ou questões de gênero. Entre outros app's, hastag's, startup's que fortalecem ações de gênero e em favor das mulheres, podemos elencar:



## HeForShe

HE FOR SHE – criado pela ONU Mulheres em 2014 a hastag tem por objetivo envolver homens e meninos na remoção de barreiras sociais e culturais que impedem as mulheres de atingir seu potencial.

Segundo a campanha:

♣ A desigualdade de gênero é uma das violações mais persistentes de direitos humanos do nosso tempo. Apesar de muitos anos de promoção da igualdade de gênero, as desigualdades entre mulheres/meninas e homens/meninos continuam a se manifestar de maneiras flagrantes em todo o mundo.

♣ ElesPorElas é um movimento de solidariedade pela igualdade de gênero, que envolve homens e meninos como defensores e partes interessadas para quebrar o silêncio, levantar suas vozes e para agir rumo ao alcance da igualdade de gênero.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

♣ A igualdade de gênero não é apenas um problema das mulheres, é uma questão de direitos humanos que afeta a todos nós - mulheres e meninas, homens e meninos. Todos nós podemos nos beneficiar com a igualdade de gênero em nossas vidas diárias: socialmente, politicamente e economicamente.

Quando as mulheres têm o poder, toda humanidade é beneficiada. A igualdade de gênero liberta não só as mulheres, mas também os homens, de papéis sociais prescritos e estereótipos de gênero.

(Fonte:

[http://www.heforshe.org/-/media/heforshe/files/actionkits/pt/elesporelas\\_kit\\_acao.pdf?la=pt](http://www.heforshe.org/-/media/heforshe/files/actionkits/pt/elesporelas_kit_acao.pdf?la=pt))



AGENTTO<sup>3</sup> – aplicativo conectado a uma rede de 12 confiantes selecionadas pela usuária que informa alguma anormalidade. Disponível para android e IOS. Permite transformar o cidadão em ‘câmera de olho

vivo’ conectados a centros de atendimento, promovendo eficiência em serviços de socorro medico, segurança, etc.



CHEGA DE FIU-FIU – plataforma colaborativa cujo objetivo é mapear pontos e ou locais onde pessoas sofreram algum tipo de violência. Tem opções de categorias como assedio verbal, físico, estupro, violência doméstica e exploração sexual. Foi criada por Juliana de Faria em 2013. Surge após a pesquisa da jornalista Karen Hueck com objetivo de mapear a opinião das mulheres em relação às cantadas de rua. Em 2014 com parceria do ministério publico de São Paulo elabora uma cartilha de orientação e em seguida Amanda Kamanchek e Fernanda Frazão produzem um documentário para ampliar o debate sobre o tema, ambos financiados coletivamente no site do Catarse (<https://br.okfn.org/2015/10/25/como-podemos-usar-a-tecnologia-para-diminuir-o-assedio-sexual-e-violencia-contra-as-mulheres> set de 2018)

<sup>3</sup> Mais informações: <http://www.agentto.com>



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero



PLP 2.0 – aplicativo no combate a violência de gênero desenvolvido por Antônio Carlos Santos Filho a pedido do Instituto Themis e Geledes. Permite cadastrar 5 telefones amigos para receber alerta de uma possível vítima de violência. Inicialmente disponível apenas para Porto Alegre.



DISQUE 180 – desenvolvido pela Secretaria de Políticas para Mulheres e ONU. O aplicativo permite localizar serviços da rede de atendimento e proteção, sugestões e informações sobre violência. É fone e app simultâneo. Em agosto de 2018 o recurso completa 15 anos de existência a serviço das mulheres. Em setembro de 2018, foi sancionada a lei (13.781/18) que tipifica a importunação sexual. Consiste em “praticar contra alguém e sem sua anuência ato libidinoso com objetivo de satisfazer a própria lascívia ou a de terceiro: Pena - reclusão de 1 a 5 anos, se o ato não constitui crime mais grave”.

No quesito startup's listamos as seguintes:

DESENCAIXA – startup formado por mulheres cujo objetivo é conhecer o corpo e transformar o empoderamento feminino em algo mais prático e acessível. Pra isso criaram um serviço de entrega de produtos eróticos via assinatura mensal, onde as mulheres cadastradas recebem um kit previamente escolhido por elas.



Composta por 7 homens e 5 mulheres a startup nasceu em 2011 em São Paulo, é uma aceleradora de startup's que tem realizado suas atividades em diversas cidades do Brasil. Sua pagina pode ser consultada no endereço a seguir <http://startup.farm/quem-somos> Se associaram a Catarina Mina – Associação de Artesãs de Fortaleza (Catarina Mina foi uma escrava fora de São Luis, que comprou sua liberdade)





## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Mundialmente conhecida, a hashtag, tem sua gênese em 1996 com a ativista Tarana Burke que, após ouvir o relato de abuso sexual sofrida por uma criança, cria o termo para denunciar. Sua tradução literal seria “eu também”. A marca ganhou fama quando Alyssa Milano tuitou o termo depois do escândalo sexual do diretor Harvey Weinstein. Foi escolhido como personalidade do ano em 2017.



Desde Ada Lovelace<sup>4</sup> até os dias de hoje, a presença das mulheres no desenvolvimento da tecnologia é fundamental. Para ajudar a mudar este cenário e fortalecer a comunidade feminina nas empresas de tecnologia, foi criado, no Dia Internacional da Mulher Empreendedora (19 de novembro), o ELAS\_inTech, um movimento colaborativo para promover a real

<sup>4</sup> Ada Augusta King nasceu em Byron (Londres), (1815 -1852), atualmente conhecida como **Ada Lovelace**, foi uma matemática e escritora inglesa. Hoje é reconhecida principalmente por ter escrito o primeiro algoritmo para ser processado por uma máquina, a máquina analítica de Charles Babbage. Durante o período em que esteve envolvida com o projeto de Babbage, ela desenvolveu os algoritmos que permitiriam à máquina computar os valores de funções matemáticas, além de publicar uma coleção de notas sobre a máquina analítica. Por esse trabalho é considerada a primeira programadora de toda a história.

inclusão de mulheres no ecossistema tecnológico e compartilhar diversidade. Uma das fundadoras do coletivo é Clarissa Luz. Advogada há mais de uma década e cofundadora de uma startup, ela diz que encontra-se “duplamente inserida em universos de maioria masculina”. *“No semestre passado, durante um período de estudo e trabalho no Vale do Silício, notei o mesmo desequilíbrio, apesar do mindset colaborativo local trazer inúmeras associações, summits, workshops, meetups, bootcamps, para mudar esse cenário, inclusive na própria Universidade da California Berkeley”*, diz.

Sobre a imagem atual das mulheres inseridas no movimento tecnológico brasileiro, Clarissa diz que observa “desigualdade, assédio, machismo, poucas equipes com mulheres, homens que interrompem a fala e dão mais valor à mesma sentença e ideia pronunciada por seus pares. A mulher enfrenta isso diariamente, também, em outras áreas.” Para a advogada, uma grande diferença entre os movimentos femininos do Brasil e do Vale do Silício é que lá há a busca por mais capacitação e formação técnica para melhorar a competitividade no mercado em relação aos homens. “Aqui, temos um histórico de centralização no empoderamento psicológico. As mulheres saem de eventos motivacionais e encaram



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas da Cidade

outra realidade difícil de ser modificada”, explica. “Com certeza isso tem melhorado, a exemplo do PrograMaria e MariaLab. Buscamos focar nesse aspecto ao ter como um dos pilares do Coletivo a mentoria técnica de longo prazo e a intermediação entre cursos e interessadas nessa formação.”

Para um futuro próximo, ela acredita que o ecossistema de startups brasileiro tende a amadurecer ainda mais, levando em conta as mulheres. “Em pouco mais de dois meses, vimos os três primeiros unicórnios. Mais importante que o “valuation”, um deles, o NuBank, foi cofundado por Cris Junqueira, uma líder consciente e engajada na igualdade de gêneros e diversidade. Veja que o Nubank se preocupou desde o começo em ter um ambiente inclusivo, sem preconceitos e hoje tem cerca de 30% de mulheres e de LGBTs, algo raro no ecossistema internacional”, pontua Clarissa. Os outros unicórnios são a startup de transporte 99 e a de pagamentos PagSeguro.



“Como jurada do Banco Inter-Americano de

Desenvolvimento (BID) no programa anual de investimentos em startups da América Latina, tenho visto o número crescente de fundadoras e cofundadoras, muitas delas buscando o impacto social, propósito menor entre os homens. Esse movimento feminino no Brasil tem crescido bastante. Acreditamos na sororidade, no SheForShe, ou seja, mulheres alavancando outras mulheres. Mais do que isso, confiamos na parceria com homens líderes e abertos a fazer a diferença.” (

Para ela, na economia criativa, a colaboração deve ser maior que a competição. As participantes do ELAS\_InTech foram procuradas por outros grupos femininos interessados em se unir movimento, e foram fechadas parcerias com um coletivo internacional. A partir desse trabalho em conjunto e da troca de ideias e experiências, o objetivo é criar condições para a real inserção das mulheres no campo tecnológico.

### Referências Bibliográficas

ALVES, José Eustáquio Diniz & CAVENAGHI, Suzana Marta. Indicadores de desigualdade de gênero no Brasil. Londrina. Ver. Mediações. V. 17. N. 02. 2012.  
BARRETO, Andreia. A mulher no ensino superior – distribuição e representatividade. Cadernos do GEA. N. 6, jul/dez. 2014.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

BRASIL. Ministério da educação. Censo da Educação Superior. Inep. Brasília. 2018.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Brasília. 2016.

BLAY, Eva Altherman. Gênero na Universidade. **Educação em Revista**, Marília, UNESP, Universidade de Marília, n. 3, p. 73-78, 2002.

CRUZ, Maria Helena Santana. Novas Tecnologias e o Impacto sobre a Mulher. In: COSTA, Ana Alice; SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. (Org.) **Feminismo, Ciência e Tecnologia**. Salvador:REDOR/NEIM-FFCH/UFBA, 2002. p. 121-139

FRASER, Nancy. Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 291-308, maio/ago 2007b. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/381/38115202.pdf>>. Acesso em: set. 2010.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, São Paulo, n. 5, p. 7-42, 1995.

HARDING, Sandra. **Ciência y Feminismo**. Tradução de Palo Manzano. Madrid: Morata, 1996.

JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan. **Gênero, corpo e conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

LIMA, Márcia. Trajetória educacional e realização sócio-econômica das mulheres negras. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, UFSC, v. 3, n. 2, p. 489-495, 1995

MADSEN, Nina. **A construção da agenda de gênero no sistema educacional brasileiro (1997-2007)**. Dissertação (Mestrado em

Sociologia) – Instituto de Ciências Sociais, UnB, Brasília, 2008. Disponível em: <[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/5127/1/2008\\_NinaMadsen.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/5127/1/2008_NinaMadsen.pdf)>. Acesso em: jul. 2013.

ROSEMBERG, Fúlvia; MADSEN, Nina. Educação formal, mulheres e gênero no Brasil contemporâneo. In: PITANGUY, J.; BARSTED, L. (Org.). **O progresso das mulheres no Brasil, 2003-2010**. Rio de Janeiro: CEPIA; Brasília: ONU Mulheres, 2011.

ROSEMBERG, Fúlvia. Mulheres educadas e a educação de mulheres. In: BASSANEZI, Carla; PEDRO, Joana Maria. (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 333-359.

\_\_\_\_\_. Educação Formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo. *Revista estudos feministas*. N. 09. 2001.

SARDENBERG, Cecilia. **Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista. 2006**

<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6848/1/Conceituando%20Empoderamento%20na%20Perspectiva%20Feminista.pdf>

SILVA, Joselina da. Mulheres negras na educação superior: performances de gênero e raça. IN: simpósio “Gênero e indicadores da educação superior brasileira”. (Org) Ristoff, Dilvo [et al]. Brasília. Inep. 2008.

SCOTT, Joan W. Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica. IN: **Educação e Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n. 2, p.71-99, jul/dez. 1995.

SOUZA, Regis G. S. de. **Gênero e Mulheres nas Universidades**. Dissertação (Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos) – PPG\_NEIM, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFBA, Salvador, 2015.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas

SOUZA, Regis G. S. de; RISCAROLI, Eliseu. **Relações de gênero no exercício do poder: pensando a produção e a qualidade da UFT.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia – Universidade Federal do Tocantins, Tocantinópolis, 2010.

PRETTO, Nelson; PINTO, Cláudio da Costa. **Tecnologias e novas educações.** *Revista Brasileira de Educação* v. 11 n. 31 jan./abr. 2006.

**<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n31/a03v11n31.pdf>**